

11º CONGRESSO GIFE/ FRONTEIRAS DA AÇÃO COLETIVA

FILANTROPIA E SOCIEDADE

I. CONTEXTO, DESAFIOS & OPORTUNIDADES

- 1.** O baixo crescimento econômico dos últimos anos, somado a um conjunto de retrocessos em políticas públicas e aos efeitos da pandemia tem aprofundado as desigualdades. Vivemos em uma situação sem precedentes neste 2021.
- 2.** A pandemia tem reforçado o chamado para que a sociedade lance um olhar mais sensível sobre as desigualdades históricas do país e para que os diferentes setores sintam-se mais corresponsáveis pelo enfrentamento delas. Não

haverá crescimento sem redução de desigualdades, sem criação de oportunidade, sem maior possibilidade de mobilidade social.

- 3.** Os investimentos públicos e privados na área social precisam ser vistos como “investimentos” e não gastos.
- 4.** Buracos já conhecidos da nossa rede de assistência social viraram crateras com a pandemia. Temos uma base constituída, cadastro único, bolsa família, SUAS, etc.), mas é preciso avançar no foco e no volume de distribuição de benefícios.
- 5.** O SUS tornou-se um exemplo da importância de políticas públicas: 80% da população utiliza o SUS. É difícil imaginar como seria 2020/2021 se não houvesse SUS, reflexão que pode ser expandida a outras áreas.
- 6.** Análises mais críticas apontam que a preocupação em reduzir as desigualdades aparece mais no discurso do que na prática da filantropia e do investimento social privado e, para que esse esforço possa produzir resultados efetivos, é preciso autoavaliação.
- 7.** Se por muito tempo uma das críticas ao 3o setor é que ele fazia aquilo que deveria ser função do Estado, tal reflexão amadureceu na direção de uma consciência de que os desafios coletivos não são unicamente responsabilidade dos governos, mas de toda a sociedade. Ao mesmo tempo, tornou-se mais claro para o setor que o Estado e as políticas públicas são

fundamentais e têm uma capacidade de escala e alcance absolutamente necessária.

8. Se a pandemia **ampliou o entendimento de que a resolução de desafios complexos requer uma visão sistêmica sobre suas raízes e determinantes**, ganham tração debates sobre como as ações filantrópicas podem ser mais efetivas em influenciar mudanças econômicas e socioambientais que levem a mudanças sistêmicas.
9. Uma **outra crítica sobre a filantropia é a de que a tendência global de acúmulo de riquezas advindas de uma exploração histórica não representaria a filantropia**. Tal crítica também questiona porque os mais ricos não pagam mais impostos ao invés de fazer filantropia, colocando em xeque os interesses e prioridades dos filantropos.
10. **A morte do George Floyd e logo em seguida do João Alberto são tragédias icônicas que denunciam o racismo estrutural**. Apenas recentemente as organizações do ISP começaram a realizar e priorizar ações para responder a este desafio, em um movimento ainda embrionário, mas que merece destaque.
11. Na direção de olhar mais frontalmente para a relação entre a filantropia e os desafios estruturais da sociedade brasileira, está a **relação do ISP com o processo democrático**. No Brasil e no mundo **tem crescido a ideia de que o ISP encontra-se no território da cidadania ativa, sendo portanto um possível agente potencializador do protagonismo** e **autonomia dos atores sociais**, leitura que projeta a sociedade civil como central à democracia.
12. Neste sentido, alguns atores **têm reconhecido um paradoxo: de um lado a filantropia parece mais relevante e tem recursos como nunca antes, o que lhe confere poder. Ao mesmo tempo, crescem as desigualdades (ricos x pobres): qual papel a filantropia irá desempenhar neste paradoxo?**
13. Frente a agendas amplas e complexas, observa-se **tensões em torno do modo como os impactos são esperados e medidos pelas ações filantrópicas, bem como sobre como os processos são controlados**. O setor tem elevado interesse por impactos quantificáveis e entregas detalhadas, o que acaba produzindo a redução da ambição das organizações e da ação da sociedade civil, reduzindo o impulso criativo, a ousadia e a inovação.
14. O fenômeno pode também ser observado no **"curto prazismo" que regula muitas doações e expectativas de mudança**.
15. **As áreas de investimento social dentro das empresas foram ouvidas como nunca antes dentro de suas próprias empresas, no contexto da pandemia**.
16. Existe uma necessidade de renovação da cultura da filantropia. A filantropia e o ISP precisam servir a sociedade e não o contrário. **Do que os grupos privilegiados no Brasil estão dispostos a abrir mão em nome da construção de uma sociedade justa e equitativa?**

FILANTROPIA E SOCIEDADE

II. PRIORIDADES DOS PRÓXIMOS ANOS PARA FORTALECIMENTO & DESENVOLVIMENTO

- 1. Criar parcerias e favorecer a cultura de colaboração entre os atores da filantropia,** evitando trabalhar em silos.
- 2. Atuar para reequilibrar as relações de poder,** de modo a que as organizações filantrópicas melhor equilibrem as relações de poder e construam dinâmicas mais horizontais e genuínas.
- 3. É preciso diversificar as agendas de atuação.** Por exemplo, **a crise climática é a agenda de atuação de apenas 9% dos associados Gife.** Apenas 10% enfocam a população negra em seus projetos ou programas (Censo GIFE 2018).
- 4. A priorização da agenda de justiça social (raça, classe, gênero)** precisa ser **tanto externa** (estratégias de filantropia) **quanto interna** (composições de equipes, conselhos, parceiros) nas organizações. Isso significa, centralmente, examinar a representação de negros e mulheres nos cargos profissionais mais importantes em fundações e seus conselhos.
- 5. Financiar mais os movimentos sociais e novos arranjos institucionais surgidos nos últimos anos** que, em razão de suas agendas, composição e modos de agir, estão na vanguarda da produção de mudanças sociais.
- 6. É preciso reconhecer que a filantropia: (a) atua em um contexto cada vez mais desafiador; (b) precisa reunir mais recursos; (c) pode ser mais eficiente e (d) precisa de impacto e escala,** o que implica reunir recursos privados e políticas públicas, em concepções mais colaborativas de atuação.

FILANTROPIA E SOCIEDADE

III. ORIENTADORES

- 1. É preciso agir na direção da transferência de poder, com a ampliação de estratégias de filantropia comunitárias e grantmaking participativo.**
- 2. Cofinanciar plataformas de informação e monitoramento que ajudem na leitura de cenários em tempo real.**
- 3. Fomentar e apoiar iniciativas colaborativas que mobilizam recursos dos três setores da economia, fomentando estruturas de governança mais colaborativas para a tomada de decisão.**
- 4. Reforma acerca de como as fundações e organizações conduzem seus investimentos e políticas de investimento no mercado, pois há incoerência de alguns atores que investem em mercados de capitais, por exemplo investindo em empresas que produzem combustíveis fósseis, enquanto comprometem-se com a agenda das mudanças climáticas. É neste sentido que deve-se promover fundos patrimoniais que conferem sustentabilidade econômica ao trabalho da filantropia, mas ao mesmo tempo é preciso estar atento ao modo como esses fundos são geridos.**
- 5. Aprofundar o debate e as ações sobre mecanismos de isenção de impostos ou de incentivos fiscais para filantropia.**
- 6. O financiamento irrestrito deve se tornar uma prática ampla e comum, movendo-se na direção de financiamento básico e plurianual como padrão.**
- 7. É preciso investir mais na capacidade da mídia de compreender e fornecer cobertura das ações filantrópicas de uma forma diferenciada, construtiva e bem evidenciada.**